

Somos Eternos?

Anderson Enrique

Somos Eternos?

Quando meu tio por parte de pai, um ricoço de sessenta e nove anos de idade, resolveu dar aquela grande festa todos já sabiam que alguma grande surpresa estava prestes a surgir, e como a extravagância era um complemento de sua personalidade, resolveu que aquele evento deveria estar disponível a todo tipo de pessoa. Para que tal amplitude fosse atingida, tratou logo de anunciar em todas as mídias possíveis o grande evento, e disse ainda que faria uma grande revelação a todos os presentes. Aquela notícia, foi suficiente para que a imprensa simplesmente caísse em cima de todas as pessoas ligadas diretamente a ele, querendo saber exatamente do que se tratava a grande revelação que ele tinha para fazer. Até mesmo eu, insignificante como era em meus quinze anos, me lembro de ter dado algumas entrevistas para diversos jornais diferentes. O único problema foi que daquela vez ele resolveu fazer segredo absoluto sobre o que planejava e ninguém, nem mesmo os mais próximos dele sabiam do que se tratava.

Houve grande murmurinho e boatos absurdos sobre o que ele estava aprontando e alguns jornais da época começaram a espalhar boatos sobre que grande revelação seria aquela. Alguns chutaram que estava doente, outros que iria se aposentar, mas a verdade é que ninguém acertou sobre o que realmente estava para acontecer. E nem podiam, pois nem mesmo os produtores e responsáveis pela festa sabiam ao certo o que estavam organizando. Preparem a maior e melhor festa - ele disse sem hesitar - Não quero que se preocupem com dinheiro nem gastos excessivos, pois quero as melhores bebidas, comidas, e artistas que puderam encontrar. Eu quero uma noite inesquecível, preciso de uma noite mágica.

Aquela era a personalidade do meu tio, que apesar de milionário e viver rodeado pela alta sociedade, nunca se preocupara realmente com dinheiro. Fazia questão de tê-lo pelo simples motivo de poder gastá-lo, e diferente do que vocês podem estar pensando, ele não foi um simples playboy empenhado em torrar uma fortuna deixada de herança, pois seu pai havia sido um cidadão tão comum como qualquer outro.

O próprio Osvaldo admite que grande parte de sua vida e seu sucesso pode ser resumido em apenas uma palavra: sorte. Dizem que um homem sem sorte, não é ninguém, e isso funcionou perfeitamente para ele. Foi isso que o levou até a fortuna que teve. E suas riquezas

não começaram a fluir assim tão cedo, pois até os 22 anos estava em um emprego medíocre, que lhe pagava o suficiente, mas não lhe permitia sonhar. Aquilo para ele não era suficiente, não para ele, não era o tipo de vida que pretendia levar. Era muito pouco para todas as loucuras que sua cabeça era capaz de produzir.

E foi assim que começou a ganhar dinheiro, simplesmente por ser louco o suficiente para gastar seu dinheiro em coisas que aparentemente não tinham muito sentido. Ah, e sorte também, pois não havia outra forma de descrever a compra daquela fazenda em momento tão oportuno. O que aconteceu foi que o governo daquela época estava começando a levar a sério a reforma agrária e começara a desapropriar muitas terras consideradas improdutivas. Com medo de invasões dos sem-terra e de perder suas posses, muitos proprietários simplesmente começaram a vendê-las a um preço muito reduzido, a ponto de permitir que um jovem incoseqüente como Osvaldo comprasse um pequeno terreno.

Até hoje, não se sabe o que lhe deu na cabeça na hora de comprar aquela fazenda no interior de Minas Gerais, até porque, era carioca e conhecia muito pouco daquele lugar, mas o fato é que comprou, mesmo sem saber o que faria com ela, pelo simples motivo de estar muito barato. Teve algumas idéias absurdas, que se tivessem sido colocadas em prática provavelmente não teriam levado-o a se tornar o grande milionário que é hoje, mas o destino parecia sempre lhe colocar no caminho certo.

Dentre suas idéias absurdas, mas que poderiam ter dado certo, estava a de transformar a fazenda que comprara em um pequeno estádio de futebol, onde montaria seu próprio time para tentar entrar no campeonato profissional brasileiro. Era uma boa idéia e até divertida, mas um tanto improvável, e felizmente, seu irmão não deixou que ele fizesse aquela besteira.

Por algum tempo a fazenda ficou parada, e Osvaldo não sabia o que fazer com ela, até que começaram as ameaças do governo de desapropriação e ele decidiu que precisava fazer alguma coisa que livrasse seu investimento. Tentou vendê-la, mas não conseguiu e quando estava prestes a perder tudo, teve a grande idéia de sua vida.

Lendo uma revista sobre agricultura e práticas rurais - sabe-se lá que diabos levou-lhe a ler aquilo - encontrou uma matéria sobre um fazendeiro que havia ficado rico vendendo húmus, ou seja, merda de vaca. Rapidamente, entrou em contato com o fazendeiro, explicou seu problema e deu muita sorte, só para variar. O cara lhe passou todo o conhecimento do negócio e assim, começou sua pequena fábrica de cômô, com algumas vacas, só para não perder a terra. Com o tempo as

vacas foram se multiplicando, junto com o número de terras e por conseqüência, sua conta bancária.

Teve que largar seu emprego para administrar o novo negócio de perto, o que não lhe causou grande problemas, e foi assim que ficou milionário. Divertia-se muito com aquilo, e deliciava-se ainda mais em poder dizer que ficara rico simplesmente vendendo cocô de boi, o que era o máximo, muito melhor do que um dia pode imaginar. O resto, você já devem imaginar, pois como dinheiro atrai sempre mais dinheiro, ele acabou se tornando dono de várias empresas, teve programas de rádio, televisão e ficou conhecido como celebridade nacional e internacional.

Até que naquele dia resolveu que daria uma festa. Todos eram convidados, desde artistas, músicos, e famosos de várias partes do mundo até alguns desconhecidos que fizeram questão de comparecer a sua mansão particular. Todos aguardavam sua grande aparição e a imprensa presente estava ansiosa pela grande surpresa que ele prometia. Todos pensavam que estaria preparando uma grande chegada, talvez viesse de helicóptero, ou até mesmo de pára-quadras, conforme havia feito em outra ocasião somente para chamar atenção, porém, o tempo foi passando e ele não apareceu. Quanto mais esperavam, todos ficavam ansiosos por sua chegada, mas tinham certeza que no final ele apareceria simplesmente com mais uma surpresa para todos.

Quando o relógio se aproximava de meia-noite, e todos já se inquietavam com a ausência de meu tio, a festa resolveu começar. Meu celular tocou, e ao atendê-lo, percebi rapidamente que deveria se tratar de mais uma brincadeira de meu tio. Sua voz me pareceu tão divertida e contagiante como de costume, mas depois de alguns segundos senti que alguma coisa estava diferente. Um tom de serenidade controlava sua voz, e friamente ele me pediu que prestasse muita atenção no que diria, pois precisava de um favor. Atenciosamente ouvi seu pedido, que se tratava de ir até um dos armários de um dos banheiros do salão procurar alguma coisa que estava presa no fundo falso de uma das gavetas. Fiquei assustado com o que pudesse ser e pedi que explicasse, mas ele insistiu que se fizesse o que ele pedia, eu logo entenderia. Alertou também que não falasse nada a ninguém até que tivesse encontrado seu misterioso objeto.

Fiz como requisitado e fui até o banheiro, tive de esperar um senhor que estava lá dentro acabar para poder entrar. Confesso que o cheiro não estava muito agradável - até em mansões o cheiro dos banheiros de festa é desagradável - talvez porque ali se revele a real natureza humana, seu momento de maior fragilidade e bestialidade.

Abri a gaveta que ele indicou e não encontrei nada que pudesse interessar, mas forçando o fundo que estava solto, encontrei um pequeno envelope preso com fita isolante. Ele então, pelo telefone, pediu que eu encontrasse Pedro, um dos empregados da casa que ele já sabia de tudo, e então desligou o telefone.

Tive alguma dificuldade para encontrar Pedro, mas acabei achando-o no lugar mais óbvio que poderia ter procurado: na cozinha. Ao me ver, ele sorriu e pediu que o acompanhasse. Perguntei o que estava acontecendo, mas o mesmo se calou em um sorriso inexpressivo. Insisti na pergunta, mas ele disse que só sabia o mesmo que eu: meu tio era louco e estava aprontando mais uma vez.

No envelope havia duas folhas de papel. Na primeira estava escrito que eu deveria parar a festa, ir até o palco e ler o que estava escrito na segunda folha para todos os presentes. Aquilo me animou, pois pensei se tratar de mais uma exuberância de meu tio para ganhar a atenção das pessoas, mas eu continuava com a estranha sensação de que havia algo errado.

Pedro, então, foi até o palco, pediu que parassem a música. Em seguida, anunciou que eu leria uma carta de meu tio. Todos se calaram imediatamente e um silêncio celestial tomou conta do salão. Apesar de nervoso, fui capaz de perceber alguns fotógrafos que se preparavam, apontando as câmeras em minha direção - provavelmente aquele seria o assunto do mês. Não sabia o que iria encontrar no envelope, poderiam ser boas notícias e até mesmo uma grande surpresa para animar a festa, mas algo me dizia que não.

Comecei a ler a carta e logo alguns flashes dispararam em minha direção.

"Boa noite, meus queridos amigos e convidados. Espero que estejam se divertindo com a festa. E então, como está a comida? E a bebida, é suficiente para todos vocês? É claro que sim, quanto a isso não tenho dúvida. Quero que aprovei-tem muito esta festa. Quero que bebam, se divirtam e dancem o quanto puderem. Quero que encarem esta noite da mesma forma que sempre encarei minha vida: uma grande festa que nunca termina.

Porém, nada dura para sempre. Nem comida, nem bebida, nem festas e nem a vida. E é por isso que quero que se divirtam como nunca, pois esta, será a última."

Um murmurinho de "oohhs" e "aaahs" ecoou na grande multidão que ouvia atentamente o que eu lia da carta que ele havia deixado. Flashes de câmeras dispararam e algumas pessoas ficaram eufóricas. Pareciam não acreditar no que estava acontecendo. A grande

questão era: será que o grande Osvaldo Prata estava doente? Será que estava se aposentando? Ou então com uma doença terminal?

Era difícil de entender ou saber, pois meu tio era imprevisível, e foi por isso que continuei a leitura.

"Diferente do que muitos podem estar pensando neste momento, não estou com nenhuma doença fatal e nem mesmo à beira da morte. Muito pelo contrário, pois me sinto ótimo. O problema, é que durante meus quase setenta anos de vida, eu nunca me preocupei muito com o futuro e por isso vivia cada dia como se fosse o último. Qualquer coisa era motivo para festa e não havia nada que me fizesse parar. No entanto, chega um certo ponto em nossa vida onde precisamos crescer. É claro que demorou muito para acontecer comigo, pois ninguém é adolescente aos sessenta e nove anos, mas em algum momento eu precisava mudar, e por isso estou me despedindo de vocês, que a partir de hoje não irão mais ouvir falar de minha vida e nem de minhas festas. Não irei mais à televisão e não negociarei mais nada que envolva dinheiro. Estou me desligando da vida e dos negócios. Irei neste momento partir em busca de outras descobertas, outros caminhos ainda não trilhados, e de algo que talvez, me faça viver para sempre.

Estou deixando tudo o que tenho nas mãos das duas pessoas que mais confio. Meu sobrinho Juliano, a quem deixo a responsabilidade de dar-lhes esta mensagem, e com meu mais fiel amigo Pedro, que deixo a documentação de todos os meus negócios, que serão distribuídos entre instituições filantrópicas, ONGS e comunidades de assistência social, assim como uma pequena parte a meus sócios, só para não dizerem que sou louco ou desonesto. Deste modo, ninguém terá o controle total sobre nada que eu consegui, e todos poderão se beneficiar de algo que apesar de mudar minha vida completamente, nunca foi meu objetivo principal. Meu amigo Pedro, amanhã dará uma coletiva a toda imprensa, explicando o que acontecerá daqui em diante.

Estou indo porque preciso de um tempo a sós. Um tempo para refletir sobre tudo que fiz, e buscar no tempo que me resta de vida algo que me torne eterno, que me faça para sempre presente neste mundo. Não adianta tentar me procurar, pois os únicos que sabem onde estou estão ganhando muito mais dinheiro do que qualquer oferta que possa ser feita para revelar minha localização, e por isso, será impossível de me encontrar.

Não quero que a festa termine agora. Quero que todos aproveitem até o final, e me desculpe se magoei ou decepcionei alguém, pois tudo o que fiz até hoje foi de coração.

Amo a todos vocês, e amo sobre tudo a vida.

Adeus,

Oswaldo da Prata.”

Quando terminei a leitura, a grande platéia que assistia a tudo estava chocada. Alguns aplaudiram, outros xingaram e alguns até desmaiaram. A imprensa presente tentou me entrevistar, mas eu não pude dizer nada, e graças a Pedro, consegui fugir daquela multidão enfurecida pelos fundos da mansão.

Eu não consegui voltar ao salão depois do ocorrido, mas pelo que pude ler nos jornais e ver na televisão no dia seguinte, o fim da festa foi uma confusão generalizada, com todos querendo saber o que iria acontecer dali em diante. Muitas emissoras o chamaram de louco, outras o aclamaram como o grande nome do século, mas a verdade é que ninguém sabia ao certo o que iria acontecer, afinal, aquela atitude aparente-mente louca e precipitada iria mudar a vida de muitos.

No dia seguinte, no horário combinado, Pedro, acompanhado de alguns advogados do meu tio, deu uma entrevista coletiva explicando o que aconteceria com o rumo de seus negócios, e posso adiantar que algumas pessoas não ficaram nada satisfeitas com o as inseqüentes decisões de meu tio. Resumindo, eu posso dizer que muitos empresários alegarem que a atitude de meu tio poderia causar a falência de suas empresas, além de algumas associadas, mas na verdade nada daquilo aconteceu, pois dividiu sabiamente tudo o que tinha de maneira que não prejudicasse à ninguém. Apesar de louco e talvez precipitado, meu tio sabia muito bem fazer contas.

Por algum tempo a televisão, os jornais, o rádio e até a Internet só sabiam falar nisso, mas com o tempo, a notícia foi esfriando e deu lugar a outras coisas mais recentes e mais interessantes. De tempos em tempos surgia algum boato sobre seu paradeiro, mas nada que fosse concreto ou pudesse ser levado a sério.

Os anos passaram sem que eu tivesse uma notícia qualquer sobre meu tio. Nem mesmo ninguém da família sabia de seu paradeiro e como ele não tinha nem mulher nem filhos, era como se estivesse morto, o que poderia realmente ter acontecido. Talvez aquela grande festa fosse seu jeito de se despedir de tudo e de todos. Fiquei triste, pois amava meu tio e via nele uma pessoa inigualável, mas minha vida seguiu normalmente conforme tinha de ser.

Passados mais ou menos uns trinta anos, recebi uma estranha carta no correio de minha casa. Não havia remetente no envelope e o que havia escrito no pequeno bilhete também não me ajudou muito a decifrar o que estava por vir: "Encontre-me hoje às 12:00 hrs no Café Pequeno. Venha sozinho e não fale sobre isso para ninguém. Assinado: O.P.".

Fiquei intrigado com o que aquilo queria dizer, mas confesso que iniciais no fim da carta me deixaram tão eufórico quanto preocupado. Seria bom ter notícias de meu tio, mas será que depois de tanto tempo, ele ainda estava vivo? E se realmente estivesse vivo, o que será que ele queria?

Fiz exatamente o que estava escrito na carta. Me arrumei e fui ao café pequeno no horário indicado, e conforme eu mesmo já havia imaginado, não encontrei ninguém conhecido no lugar. Não havia nada a fazer, a não ser sentar, pedir um chope como qualquer brasileiro faria e aguardar uma manifestação qualquer, de um estranho talvez. Todos pareciam suspeitos, e a sensação de que todos me olhavam era muito in-cômoda, mas não fiz absolutamente nada além de esperar. Quinze minutos depois, quando minha paciência começava a diminuir e já imaginava que aquela carta poderia ser um trote, um senhor de pele clara se aproximou e sentou em uma das cadeiras disponíveis na minha mesa. Usava um terno preto e óculos escuros protegiam seus olhos. Por alguns segundos ele não disse nada, apenas manteve-se parado olhando aparentemente para o nada. Um dos garçons veio lhe oferecer alguma coisa, mas o mesmo recusou acenando negativamente de forma extremamente grosseira, e quando eu resolvi tomar alguma atitude, ele se levantou e pediu friamente que o acompanhasse. Contestei, dizendo que precisava pagar a conta e terminar minha bebida. Diante de minha atitude, ele jogou uma nota de vinte reais na mesa e foi em direção à rua. Em qualquer outra situação, eu não faria o que ele pediu, mas meu tio era um homem estranho e às vezes até seus empregados tinham atos tão estranhos quanto os dele, por isso re-solvi segui-lo.

Os eventos que se sucederem foram tão estranhos quanto aquela carta inesperada que eu recebera: primeiro, entramos em uma limusine que nos aguardava. Logo depois, estávamos voando em um jato particular que era provavelmente propriedade de meu tio. Durante estes acontecimentos, tentei por diversas vezes conversar sobre o que estava acontecendo e o motivo de estarmos indo para algum lugar que eu nem sabia onde era, mas o velho se manteve irredutível em sua postura calada e misteriosa. Em certo ponto, desisti de arriscar falar alguma coisa, pois entendi perfeitamente pelas respostas anteriores que meu acompanhante gostaria de manter o silêncio intocável, ou talvez tivesse ordens de não me dizer nada.

Dediquei durante a viagem, um tempo para observar a paisagem e tentar identificar para onde eu estava sendo levado, mas por mais que eu conhecesse de geografia, rapidamente eu fiquei sem ter idéia de minha localização. Em um certo ponto, acho que mais ou menos umas três horas após termos embarcado, o estranho senhor, que parecia ter simplesmente congelado, pois não havia sequer mudado de posição, se

levantou, abriu um dos compartimentos e retirou dois grande casacos de pele, um dos quais vestiu após me entregar o outro. Estranhei aquela atitude, mas obedeci.

Assim que o avião pousou, descobri o motivo dos casacos pois estava um frio absurdo, com o qual eu jamais havia me deparado em minha vida. O vento que fazia, por mais fraco que fosse, era capaz me fazer doer os ossos. A paisagem gelada era linda, e me lembrou um documentário qualquer que costumava passar no Discovery Channel sobre grandes planícies geladas. Embarcamos em um outro veículo um tanto quanto incomum, provavelmente desenhado para enfrentar aquele frio ou caso fosse necessário até mesmo neve, e após mais ou menos uns trinta minutos chegamos em uma grande mansão no meio do nada, que repousava solitária no terreno gelado.

Naquele ponto eu já estava mais do que eufórico e tinha certeza absoluta de que aquilo tudo era pelo simples fato do meu tio ter uma grande novidade para contar, talvez dizer ao mundo sobre sua grande volta, mas seria possível ele estar vivo tanto tempo depois? E se estivesse vivo, quantos anos teria? Mais de cem provavelmente, ou então ele teria mentido sobre sua real idade. Muitas perguntas inundaram minha cabeça, mas resolvi guardá-las para quando tivesse uma noção melhor do que realmente estava acontecendo.

A temperatura de dentro da mansão estava agradável, e assim que entrei, senti necessidade de tirar o espesso casaco que me cobria. Fiquei impressionado com a decoração da mansão, que era uma cópia exata de onde acontecera a última festa.

O velho, que também já havia retirado o casaco que vestia, me direcionou por um corredor lateral ao grande portão de entrada. Quando abri a porta no fim do corredor, tive uma grande surpresa ao ver a grande quantidade de pessoas que me aguardava. Todos pareciam ansiosos e temerosos com minha presença, e confesso que senti alguma coisa similar em relação a eles. O lugar onde estávamos parecia uma espécie de laboratório e pude identificar algumas das pessoas como cientistas, devido à roupa que vestiam e aparência in-comum que apresentavam, mas tudo ali não era tão incomum, então como julgar aquelas pessoas?

- Estávamos à sua espera - disse um dos cientistas, que parecia ser o líder, dando um passo à frente e acenando para mim com a cabeça. - Você não suspeita como este momento é importante para todos nós.

- Ah, um de vocês consegue falar, né? - respondi ironicamente. - Eu estava começando a achar que tinha ficado surdo.

- Desculpe a seriedade e frieza de todos - ele respondeu - É que estamos todos muito nervosos com sua chegada e precisávamos de total discrição, por isso ninguém lhe falou nada.

- Mas afinal, de que se trata tudo isso? - perguntei curioso e já sufocado por todo aquele clima tenso que havia se instalado no lugar. - É claro, que isso tem alguma coisa a ver com meu tio, mas cadê ele?

- Infelizmente - ele disse hesitando - não será possível falar com ele.

- Como assim? - perguntei indignado - Como meu tio me chama aqui e diz que não posso falar com ele?

- Na verdade, - ele continuou, hesitando ainda mais ao responder. - acho que seria melhor que viesse comigo. Talvez, seja mais fácil de entender.

Continuei sem compreender nada, mas resolvi entrar no jogo deles, talvez assim fosse mais fácil de descobrir em que situação eu estava me metendo. Todos me olhavam curiosos e a expressão de alguns dos prováveis cientistas me assustava.

Fomos caminhando até o centro da sala, onde havia uma grande caixa, em cima de algo que pensei ser uma mesa cirúrgica ou então uma grande mesa de experimentos. A caixa estava fechada e dois grandes cadeados trancavam as duas extremidades dos fechos que haviam. O cientista líder acenou para um outro a seu lado e o mesmo caminhou até a grande caixa, soltando ambos os cadeados em seguida.

De onde eu estava, não consegui enxergar o que havia lá dentro, mas pude perceber pelo olhar de todos, que aquele era o ponto alto de tudo aquilo que estava acontecendo. Alguns dos presentes pareciam curiosos, outros estavam ansiosos e em alguns olhares pude perceber algo que se assemelhava ao medo.

O líder dos cientistas apontou para a caixa e pediu que eu olhasse seu conteúdo. O receio do que pudesse estar lá dentro me freou por alguns momentos, mas consegui reunir coragem para dar os primeiros passos. Quando me aproximei, a primeira reação que tive foi de espanto com o que eu tinha visto, mas logo me acalmei ao perceber que o que havia ali dentro não poderia me causar nenhum tipo de perigo.

Dentro da grande caixa havia uma espécie de esqueleto humano, e devo dizer que cheiro não era muito agradável, me fazendo levar uma das mãos até o nariz na tentativa de abafá-lo. Percebi que alguns dos presentes fizeram o mesmo, enquanto outros se mantiveram irredutíveis em suas posições originais.

No primeiro momento, não consegui compreender o que aquilo queria dizer mas, examinando com mais precisão o esqueleto, percebi a única coisa que me fez entender a realidade do que estava acontecendo

ali. Na mão direita do esqueleto, mais especificamente, em seu dedo mindinho, estava o único anel que meu tio costumava usar. Um anel que parecia ser único no mundo todo, onde estavam gravadas suas iniciais. Instintivamente removi o anel do dedo para examiná-lo melhor, e pude finalmente constatar que era realmente o anel que meu tio usara por toda sua vida. Fiquei assustado com as possibilidades de uma explicação razoável e não consegui organizar minhas idéias a ponto de raciocinar o suficiente para tal esforço mental.

- Compreende agora?- o cientista perguntou, caminhando em direção a caixa e fechando-a novamente.

- Na verdade não - respondi, ainda tentando me restabelecer em minha cabeça uma explicação sensata. - Por que o anel de meu tio está aqui?

- Esta pessoa - ele engoliu seco o nó que estava em sua garganta - é seu tio.

- Como? - perguntei sem entender, ainda olhando admirado para o anel.

- Vou ter de lhe contar desde o início, é uma longa estória.

Mantive-me calado, olhando o anel e esperando que ele começasse sua explicação.

- Você deve se lembrar, - ele começou - que a mais ou menos trinta anos atrás, seu tio deu uma grande festa de despedida, e que inclusive, foi você mesmo que deu a notícia de que ele sumiria para sempre. Lembra?

- Claro, claro que eu lembro - respondi irresoluto.

- Seu tio deu aquela festa somente por um único motivo, - ele disse coçando o queixo - e acho que isso estava claro até mesmo para você.

- Ele estava velho demais para toda aquela badalação, - respondi, demonstrando certa arrogância - e talvez precisasse de férias.

- Não - o médico contestou prontamente. - Não foi esse o motivo.

- Então por quê? - perguntei curioso.

- Apesar de não aceitar a velhice, seu tio estava velho, e a idade pesava para ele, apesar de não querer admitir. Sua visão já não era mais a mesma, assim como seu corpo, que não respondia mais da mesma forma a tudo que fazia.

- Natural, não? - respondi com certa obviedade.

- Natural, - ele tomou um tempo para limpar a garganta - talvez para você ou qualquer um de nós, mas não para seu tio. Seu tio não era um cara comum. Ele acima de tudo amava a vida. Nem a velhice e nem a morte faziam parte de seus planos.

- Mas se amava tanto a vida, por que se esconder de tudo e de todos? Por que se isolar aqui, longe todos que amava?

- Não foi um simples isolamento. Ele teve seus motivos.

- Que motivos? - perguntei.

- Ele, na verdade, encarou o que estava acontecendo como uma espécie de férias forçadas, algo que nunca havia acontecido em sua vida. Ele não conseguia fugir do peso da idade.

- Mas no que ajudaria se isolar? Que bem isso lhe faria, e ainda mais aqui no meio do nada?

- Você não entendeu ainda. Ele não estava se escondendo. Seu tio tinha planos, planos para vencer a morte. E foi por isso que veio para cá, onde pudesse estudar uma maneira de parar o tempo.

- Como assim?

- Seu tio não se conformava com o fato de que todos nós humanos, por mais importantes ou insignificantes que sejamos, precisamos, e vamos, inevitavelmente morrer. Foi por isso que ele montou tudo isso aqui, bem no meio do nada, pelo simples fato de não aceitar, que sua vida, um dia iria terminar.

- Você está querendo dizer que meu tio montou tudo isso para tentar encontrar uma espécie de fórmula da vida eterna?

- Quase isso. Seu tio já estava velho, e não lhe bastaria simplesmente continuar vivo. Ele disse que seria um desperdício viver em um corpo desgastado e acabado como o que ele tinha. Ele precisava de mais, precisava voltar no tempo. Tornar-se jovem novamente.

- Mas que loucura!!! - exclamei, já imaginando meu tio enlouquecido, perdendo noites de sono em busca de algo impossível. O problema era que para ele, o impossível não existia. - Eu sempre soube que meu tio tinha um parafuso a menos, mas como alguém pode ser tão tolo a ponto de acreditar nisso?

- Seu tio não era louco, e muito menos tolo. Ele era um sonhador e, como ninguém, perseguia seus objetivos com uma determinação sobrenatural. Ele decidiu sacrificar, nem que fosse em vão, os últimos anos de sua vida somente para tentar viver um pouco mais e poder se despedir de forma gloriosa.

Eu estava perplexo com toda a estória. Era difícil acreditar, mesmo sabendo que se tratava do louco do meu tio. Era uma ilusão querer viver para sempre e uma ilusão ainda maior achar que pode voltar no tempo, que pode ser jovem novamente.

- Durante anos trabalhamos incessantemente em fórmulas que pudessem realizar o desejo de seu tio - o rapaz continuou - mas tivemos pouco sucesso. Conseguimos algumas fórmulas, mas tudo era muito instável, e nunca havia sido testado em humanos. O resultado podia ser um completo desastre.

- Já posso até adivinhar o que meu tio fez.
- Como você mesmo já está prevendo, ele não conseguiu esperar e teve de se intrometer nos testes. Naquele ponto, nós tínhamos conseguido rejuvenescer alguns animais como ratos e cachorros, mas o processo era rápido demais. Os animais se tornavam jovens muito rápido e logo depois que atingiam um fase que chamávamos de prematura, morriam.

- E o que aconteceu?

- Um dia, ele acordou com uma terrível dor nas costas e quase não conseguia andar. Seus problemas com a idade pareciam cada vez maiores, e ele estava cansado de esperar por resultados eficientes. Neste dia ele pediu que todo saíssem do laboratório, estava irritado e gritou conosco como nunca havia feito, parecia outra pessoa. Acho que toda aquela obsessão com a juventude eterna estava acabando com sua própria sanidade.

- Não me diga que...

- Fomos expulsos do laboratório, - ele me interrompeu - todos nós. Ele se trancou e pediu que não interrompêssemos, tentei alertar-lhe do perigo que corria, mas ele estava irredutível. A loucura parecia correr em suas veias. Ficamos do lado de fora esperando alguma reação sua, mas por mais de uma hora não tivemos resposta. Ele gritou para que fôssemos embora, que descansássemos, mas eu não pude fazê-lo, por isso fiquei de guarda, atrás da porta esperando um resultado qualquer.

- E então?

- Depois de mais ou menos umas duas horas esperando uma notícia, eu me cansei de esperar e pedi para que alguns dos seguranças arrombassem a porta. Eu não queria desrespeitar sua vontade, mas fui obrigado a fazê-lo. O silêncio que vinha do laboratório estava me matando, e quando abrimos as portas, eu vi a coisa mais incrível e mais aterrorizadora que pude presenciar em minha vida.

- O que houve?

- Quando arrombamos a porta, eu encontrei uma criança de alguns meses de idade caída no chão, morta, e a seu lado, estava uma caneta e um pequeno bilhete de caligrafia torta.

- Não, mas o que...

- Seu tio provou de sua própria experiência, mas o processo ainda não estava terminado. No bilhete, encontramos uma breve descrição do que ele passou durante o curto tempo de vida em que provou de sua própria obsessão. Foi este o bilhete encontrado, e nele diz que você é a única pessoa a quem podemos confiar este segredo e grande descoberta.

Peguei o bilhete da mão do cientista e com o rosto em lágrimas, e comecei a ler, o que parecia ser o último relato da estória mais incrível que eu conhecera em minha vida.

“É fantástico, maravilhoso. Sei que posso me arrepender do que acabei de fazer, mas só de sentir vida em minhas veias novamente, já me sinto realizado. Me sinto vivo, e isso é maravilhoso, não terei mais de passar o resto dos meus dias como um imprestável e inútil velho ranzinza. Estou renovado, com novas esperanças e talvez, se tudo der certo, posso viver para sempre, como sempre sonhei. Finalmente consegui, este é o maior descobrimento de minha vida. Não preciso mais me preocupar com o tempo. Posso ter todo ele se quiser. Já sinto em meu rosto algumas mudanças, posso sentir as rugas desaparecerem e sei que meu cabelo ganhar cor novamente.

Estou com uma ardência em meu peito, mas isso deve ser algum efeito colateral, algo insignificante diante do poder que sinto em minhas mãos. Durante minha vida, consegui conquistar tudo o que quis, mas sempre fui assombrado pelo fantasma da morte, o único mal irremediável. A partir de hoje, tudo será diferente. Todo o medo que um dia senti será uma grande piada de mau gosto que não significará absolutamente nada.

Sinto-me ótimo, preciso de uma câmera, um espelho, qualquer coisa que me permita registrar o que está acontecendo. Já consigo saltar e tenho certeza que posso fazer quantas flexões desejar. Isso é ótimo, e quero que todos possam compartilhar desta maravilhosa descoberta que mudará o mundo.”

Quando terminei de ler a primeira parte do bilhete de meu tio, fiquei eufórico e entusiasmado com sua descoberta. Ele havia conseguido, estava livre, e poderia viver para sempre. Pensei na grande descoberta que ele tinha feito, mas conforme continuei a ler a carta, percebi que aquilo poderia ter sido também a grande derrota de sua vida.

“Maldição. Algo deu errado. Estou rejuvenescendo rápido demais, não consigo controlar. Não consigo fazê-lo parar. Algo deu errado, no espelho agora vejo um menino de quinze anos. O que está acontecendo? Onde será que eu errei? Se continuar assim, tenho medo do que possa acontecer. Tenho que fazer isso parar. Tenho que interromper o processo.

Como fui tolo, como fui burro em querer brincar de Deus. Olho no espelho e vejo minha infância estampada em meu rosto. Já sinto que

minhas mãos não têm mais a mesma força. Está tudo acontecendo rápido demais. Meus Deus, como fui ingênuo.

Estou deixando para quem me encontrar meu último re-lato. Não sei o que irá acontecer, mas sinto que estou regredindo demais. Minha pele está cada vez mais macia e cada segundo que passa meus movimentos se tornam mais incertos. Sinto-me como uma criança agora, talvez com uns sete anos de idade. Estou com medo, não sei o que vai acontecer. Já sinto que perdi lembranças de minha memória, não consigo lembrar de coisas triviais que aconteceram.

Agora sei que vou morrer, tenho certeza disso, mas será de um jeito que nunca imaginei. Estou me tornando uma criança e não sei até quando serei capaz de escrever. Já não tenho força nem mesmo para abrir a porta e esta caneta está se tornando por demais escorregadia em minhas pequenas e frágeis mãos. Chamem meu sobrinho, ele entenderá, e saberá o que fazer. Por favor, talvez estes sejam minhas últimas palavras. Isto é muito mais terrível do que eu..."

Eu estava em prantos quando terminei de ler a carta. Não conseguia compreender que tipo de loucura havia tomando conta da consciência de meu tio, mas qualquer que fosse, eu a queria bem distante de mim.

- Provavelmente, - disse o rapaz colocando uma de suas mãos em meus ombros em um gesto de consolo - seu tio conseguiu reviver em seus últimos minutos de vida sensações e momentos que já havia esquecido a muito tempo. Tenho certeza que nada disso estava em seus planos, mas acho que afinal conseguiu o que queria.

Mantive-me calado, sem reação e coragem de dizer nada.

- Examinamos o corpo e fizemos diversos testes que comprovaram ser mesmo seu tio. Depois da tristeza, o desânimo tomou conta de todos e não conseguimos progredir com nenhuma pesquisa. Talvez porque o grande interessado não esteja mais entre nós. Libertamos as cobaias e decidimos parar com todas as atividades. Não sabemos o que fazer com o laboratório, e nem com as nossas descobertas, e como a vontade de seu tio foi que você decidisse por todos, estamos aqui, esperando uma decisão sua.

Era uma difícil escolha, mas precisava ser feita, e não sei ainda se por medo ou sabedoria, resolvi acabar com toda aquela loucura que meu tio havia construído. Pedi aos cientistas que parassem com qualquer experiência e que levassem dali somente o conhecimento que tinham adquirido. Pedi também, que não o utilizassem nada daquilo com uma finalidade similar e que mantivessem segredo.

Talvez eu tenha faltado com respeito às decisões e crenças de meu tio, mas eu não queria me envolver com algo tão perigoso, viver para sempre não era um sonho meu. A idéia de viver para sempre é totalmente equivocada e relativa. Todos tempos o nosso tempo e não precisamos lutar contra ele. O que realmente importa, é o que cada um faz com o tempo que lhe é dado. Mesmo que um dia, não estejamos mais presentes em carne e osso, acho que de alguma forma estaremos vivos no coração de cada um que amamos. Estaremos presentes em cada lembrança ou pensamento que guiar nossos parentes e amigos por um caminho decente. Seremos sobre tudo eternos em nossos filhos, e em cada gesto generoso do qual forem capazes. Sinceramente, acho que meu tio viveu bem, e soube aproveitar cada oportunidade de sua vida. Sempre foi uma pessoa alegre, que tentou de todas as formas aproveitar cada segundo que lhe foi dado, mas às vezes sinto que lhe faltou uma família. Não falo sobre parentes, e sim mulher e filhos, pois são neles que realizamos nossos sonhos mais secretos e recompensadores. Acho que foi por isso que ele pediu minha presença diante de sua morte.

Talvez, ele soubesse que o único motivo dele desejar a vida eterna foi por não ter tido uma família só sua. Talvez, todo o tempo gasto em se divertir e levar a vida de um jeito só seu pudesse ter sido aproveitado de uma outra maneira. Se tivesse descoberto que a verdadeira realização está presente nas pequenas coisas e não nos grandes feitos que sempre cercaram sua vida, acho que ele teria feito tudo diferente.

De qualquer forma ele me ensinou algo que jamais esquecerei: não importa o tamanho de nossas conquistas. O que existe de maior está dentro de cada pessoa que leva consigo nosso amor.

Somente assim nos tornamos eternos.

Fim.